

# O *lógos* como essência do homem e essência da linguagem: uma leitura do fragmento 50 de Heráclito a partir de Heidegger.

*Logos as essence of man and essence of language: a reading of fragment 50 of Heraclitus from Heidegger*

Bruno Abilio Galvão

EEEMF Ary Parreiras

*brunoabiliogalvao@hotmail.com*

## Resumo

A linguagem, há muito pensada metafisicamente como um ente intramundano está, segundo Heidegger, fora de seu horizonte originário. Então, atribuindo-se a tarefa de recolocar a linguagem em seu horizonte e pensá-la originária e essencialmente, Heidegger recorre aos pensadores originários Parmênides e Heráclito. Porém, investigaremos essa questão a partir do fragmento 50 de Heráclito analisando a linguagem em sua essência por meio da palavra *Lógos* que, posteriormente, se mostrará também como a essência do homem. Para isso, lançaremos mão de pesquisa bibliográfica referente a algumas obras de Heidegger em que ele aborda o tema e também de alguns comentadores que tratam do assunto proposto. A relevância do tema persiste no fato de possibilitar, ao recolocar a linguagem em seu horizonte originário, um rompimento com a separação entre homem e mundo proporcionado pela metafísica em todas as suas formas e sistemas de pensamento.

**Palavras-chave:** Essência. Heidegger. Heráclito. Linguagem. *Lógos*.

## Abstract

*Language, which has long been thought of metaphysically as an intramundane being, is, according to Heidegger, outside its original horizon. Then, assigning the task of putting language back on its horizon and thinking it originally and essentially, Heidegger resorts to the original thinkers Parmenides and Heraclitus. However, we will investigate this issue from Heraclitus' fragment 50, analyzing language in its essence through the word Logos, which, later on, will also show itself as the essence of man. For that, we will use bibliographic research referring to some of Heidegger's works in which he addresses the theme and also*

*of some of his commentators who deal with the proposed subject. The relevance of the theme persists in the fact that enable, by putting language back into its original horizon, a break with the separation between man and the world provided by metaphysics in all its forms and systems of thought.*

**Keywords:** *Essence. Heidegger. Heraclitus. Language. Logos.*

## Introdução

Convivemos e mantemos uma relação habitual com a linguagem, dela nos utilizamos para nos comunicarmos com nossos semelhantes. Isso só nos é possível porque a linguagem abarca um conjunto de signos que criamos para representar o mundo a nossa volta e, ao falarmos, emitimos sons por meio da vibração de nossas cordas vocais que se exteriorizam mediante a articulação dos movimentos de nossa língua com a boca alcançando os ouvidos alheios que, ao escutar os signos pronunciados, os traduzem entendendo o que foi dito. Assim há a comunicação. Então, se linguagem é um instrumento utilizado pelo homem para se comunicar, nos é possível delimitar esse objeto e estudá-lo, apreendê-lo conceitualmente e assim intensificar seu uso. Será então que, pensando dessa forma, atingimos a essência da linguagem? Será possível para nós, dessa forma, compreendermos a linguagem em sua verdade?

De acordo com Heidegger, o que foi exposto no parágrafo anterior está há muito distante da essência da linguagem. Para ele, a verdade da linguagem foi obscurecida com o alvorecer do pensamento metafísico, cuja duração se estende de Platão a Nietzsche. O pensamento metafísico tem por característica a conversão do “ser” em um ente intramundano deslocando-o de seu horizonte fenomenológico, consequências sofridas também pela linguagem. Porém, se “ser” e linguagem foram deslocados de seus sentidos originários decaindo no ente, teriam eles algo em comum? Assim, a relação entre ser e linguagem se mostra relevante para uma leitura do logos como essência tanto do homem, desvelamento do ser em uma de suas possibilidades, quanto da linguagem. Questão esta que aponta para um copertencimento entre ser e linguagem.

Então, diante da inobservância e esquecimento do sentido originário da linguagem pelo pensamento metafísico, Heidegger se propõe a tarefa de recolocar a linguagem e também o ser em seu horizonte originário. Para isso ele recorre a pensadores anteriores à metafísica, Parmênides e Heráclito, pois estes, na visão do filósofo alemão, mantêm uma abertura essencial ao mundo que possibilita pensar a linguagem ao estabelecer uma experiência com a mesma. Porém, embora optemos em trabalhar apenas um desses pensadores para compreender a linguagem em sua essência, a tarefa ainda seria abrangente e complexa para ser concluída em um artigo curto. Portanto, nos comprometemos em analisar o fragmento 50 de Heráclito: “Auscultando não a mim mas o logos, é sábio concordar que tudo é um” (HERÁCLITO apud PESSOA, 2003, p. 61).

A análise dessa sentença de Heráclito nos permitirá pensar a linguagem em sua essência como *Lógos* recolocando-a em seu horizonte originário. Dentre todas as questões que podem ser extraídas desse fragmento, nos dedicaremos às seguintes: a questão da “ausculta”, que corresponde a uma escuta concentrada diferenciando-se do simples ouvir cotidiano; a questão do quê escutar, “não a mim”, Heráclito, o mortal, “mas o logos”; se ele nos alerta para escutarmos o *Lógos*, surge a pergunta “o que é o *Lógos*?”; auscultando o logos nos ocorre um saber que concorda (*Homologeín*) ao dizer “tudo é um”, mas esse saber se refere a quê? Ao próprio logos ou a outra coisa?

Então, nosso objetivo de compreender a linguagem em seu sentido originário pensada por Heidegger por meio de Heráclito, como *Lógos*, possibilitará constatar também que este é, ao mesmo tempo, essência do homem. Com estes fins, lançaremos mão de pesquisa bibliográfica referente a algumas obras de Heidegger em que ele aborda o tema e também de alguns comentadores que tratam do assunto proposto. A relevância do tema persiste no fato de, ao recolocar a linguagem em seu horizonte originário, rompermos com a cisão entre homem e mundo proporcionado pela metafísica, prevalecendo até nossa modernidade, que nos fez sujeito e objeto.

## **1. A questão da metafísica da linguagem e a necessidade do retorno ao pensamento originário**

Heidegger, ao pensar a linguagem, critica as concepções metafísicas formuladas anteriormente a respeito dela. A metafísica corresponde a uma forma de pensamento em que o “ser” é compreendido como um ente específico. Em Platão, iniciador da metafísica, o “ser” é pensado como “ideia”, persistindo “entificado” historicamente passando por várias denominações até Nietzsche, sendo atualizado como vontade de potência. Heidegger então toma para si a tarefa de recolocar a questão do ser, “o que é mais digno de ser pensado” (PESSOA, 2007, p. 78), em seu horizonte.

Mas, o que tem a ver a “linguagem” com a questão do “ser”, se a princípio e aparentemente nos remetem a duas coisas distintas? Heidegger (1973b, p. 347) afirma que “a linguagem é a casa do ser”, ou seja, o ser mora na linguagem, linguagem e ser mantêm uma relação íntima a ponto de a linguagem envolver e guardar o ser junto de si. Tal relação é expressa no último verso da última estrofe do poema “A palavra” de Stefan George<sup>1</sup>: “Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar” (GEORGE apud HEIDEGGER, 2003, p. 124). A respeito desse verso Heidegger (2003) afirma que ele expressa uma relação entre a “palavra” e a “coisa”, porém, esta relação apresentada pelo verso não significa mera correspondência da palavra como “signo” a um objeto qualquer. Há nesse verso uma relação existencial, e para demonstrar isso Heidegger inverte a ordem das orações: “nenhuma coisa é onde falta a palavra” (HEIDEGGER, 2003, p. 124). Essa inversão nos mostra que “nenhuma coisa é”, ou seja, existe, vigora no real, fora da linguagem, “onde falta a palavra”. Portanto a palavra, enquanto manifestação da linguagem, a “linguagem” trazida à “palavra da linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 124), configura ser à coisa. Dessa forma, o ser mora na linguagem, pois nenhum ente é fora dela. Porém, essa questão, que primeiramente nos parece ser resolvida com uma simples afirmativa - o ser mora na linguagem, pois nenhum ente é fora dela -, se mostrará pouco mais complexa por envolver outros elementos do pensamento de Heidegger como veremos adiante.

Mas, como a linguagem, que proporciona ser aos entes, veio a ser pensada metafisicamente e de maneira equivocada? Como ela veio a ser tratada como “um

---

<sup>1</sup> “O poema foi publicado pela primeira vez em 1919, tendo sido incluído posteriormente no volume de poemas, chamado *Das neue reich* (o novo reino)” (HEIDEGGER, 2003, p. 124 (grifos do autor)).

ente simplesmente dado ao nosso manuseio, passível de ser objetivamente compreendido e determinado” (PESSOA, 2003, p. 58)?

Esse equívoco se sustenta na possibilidade gramatical de substantivar os verbos passando para o infinitivo (*Modus Infinitivos*). “No infinitivo, o verbo se transfere para a forma nominal do substantivo e, perdendo deste modo a sua referência com a ação, passa a ser compreendido como um ente; a ação se transforma em coisa, dando assim a ilusão de ser algo determinado” (PESSOA, 2003, p. 58).

Portanto, durante o “período metafísico”, de Platão a Nietzsche, a linguagem enquanto verbo, enquanto ação foi substantivada e transformada em objeto de estudo passível de estruturação, determinação, dissecação e todas as outras formas de “violência” utilizadas como meios de conhecimento pelas ciências e racionalismos. Assim, metafisicamente, a linguagem é a faculdade “de expressão e comunicação. Falar é exprimir, uma ação dos órgãos de fonação que expõe, externa, sonoramente as nossas compreensões [...]; ouvir é o captar correspondente, uma recepção auditiva dos sons externados pela fala” (PESSOA, 2003, p. 60) ou ainda,

a linguagem, compreendida como faculdade humana de expressão e comunicação é o que representa o real, dando-lhe sentido e significado. As coisas que estão no mundo são compreendidas à medida que as palavras lhes dão significado. O significado é a representação simbólica das coisas, uma codificação linguística do real que, possibilitando a compreensão do mundo, permite a expressão e a comunicação humana (PESSOA, 2003, p. 60).

Diante dessa situação, Heidegger se predispõe à tarefa de recolocar a questão da linguagem em seu caráter verbal e originário anterior à metafísica, pois, para ele, “a representação atual da linguagem está tão longe quanto possível da experiência grega da linguagem” (HEIDEGGER, 1973a, p. 221). Trata-se de recolocar a linguagem em seu sentido verbal, do *Phainomenon*, de seu acontecimento. Então, para pensar a linguagem devemos nos ater a um modo de pensar diferente do qual estamos habituados, pois somos constituídos historicamente pelos hábitos modernos. Pensar originariamente como Heidegger propõe significa “revolucionar”<sup>2</sup> a forma com a qual pensamos num sentido de

---

<sup>2</sup> Utilizamos essa palavra em seu sentido astronômico e não político, consistindo em: “de fato, essa palavra [revolução] provém do vocabulário da astronomia, significando o movimento circular completo que um astro realiza ao voltar ao seu ponto de partida” (CHAUI, 2004, p. 210).

retorno ao princípio do pensamento. Pensar a essência da linguagem de forma a apreendê-la está fora de cogitação, pois não se “captura” algo que não é ente algum. Não se trata de delimitar a linguagem enquadrando-a em fórmulas conceituais, pois a compreensão de sua verdade não é delimitada por enunciados científicos e toda tentativa de captura de sua verdade consistirá em um desvio.

Heidegger pensa a verdade da linguagem em um sentido originário, compreendida como *Alétheia*, traduzida para o alemão, por ele, como *Unverborgenheit* o que em português possui o sentido literal de “desencobrimento”, possibilitando pensa-la enquanto acontecimento. A única forma de compreendermos seu acontecimento é nos deixar afetar por ela, trata-se de experimentá-la na medida em que vigora. Para isso é necessário “fazer uma experiência com a linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 121). O “fazer” nessa expressão é compreendido por Heidegger não no sentido de que somos os agentes norteadores dessa experiência, mas sim no sentido de deixar a experiência acontecer “com” (junto à) a linguagem, ou seja, deixar que ela nos venha ao encontro nos harmonizando com ela.

Trata-se então de compreender a linguagem em sua essência, o que não significa também compreendê-la em sua “natureza” como se houvesse algo que a precedesse e a determinasse, mas sim na estrutura em que vigora, ou seja, manifesta a força de seu vigor, como nos diz Emmanuel Carneiro Leão (1967, p. 23 (grifos do autor)):

*A Essência = das Wesen: o substantivo alemão Wesen deriva-se do verbo wesen, hoje usado apenas em algumas formas, como gewesen (sido), abwesend (ausente), an-wesend (presente) e Wesen (essência, natureza, quiddidade). Esse substantivo não designa, no texto<sup>3</sup>, essência, natureza, quiddidade, mas a estrutura em que vigora, i. é, desenvolve a força de seu vigor, o agir. Para exprimir esse sentido, escreve-se a palavra Essência sempre com maiúscula<sup>4</sup>.*

E mais ainda:

Chamo a atenção para uma distinção importante na linguagem filosófica de Heidegger. É imprescindível para a compreensão do pensamento de Heidegger distinguir claramente a *essentia*, no

<sup>3</sup> “De há muito que ainda não se pensa, com bastante decisão, a *Essência* do agir” (HEIDEGGER, 1967, p. 23 (grifos do autor)).

<sup>4</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. Nota. In: *Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, p. 23.

sentido tradicional de essência (*wesen*), do sentido que Heidegger lhe atribui. Geralmente usa *wesen* – essência – em sentido verbal [...]. Com o uso de *wesen*, em sentido verbal, Heidegger visa a expressão das condições ontológicas da possibilidade dos fenômenos em geral e sua estrutura – *wesen* (entendido verbalmente) aponta para a irreduzível facticidade da compreensão do ser. Por exemplo: *Weses des Seins*: essência do ser, indica uma dimensão dinâmica em que o ser se fenomeniza: ser (verbo) do ser (infinitivo substantivado). *Wesen des menschen*: essência do homem, ser do homem acontecendo como homem. *Wesen des wahrheit*: essência da verdade, ser da verdade, o acontecer fenomênico da verdade (STEIN, 2011, p. 16 (grifos do autor)).

Portanto, pensar a linguagem em sua essência significa pensá-la em seu “acontecer fenomênico”, o “ser da linguagem acontecendo como linguagem”. Uma vez que a tradição metafísica pensa a linguagem entificada, Heidegger estabelece um diálogo com os pensadores mais originários, Parmênides e Heráclito, que pensavam a linguagem a partir de sua experiência conjunta. Parmênides a partir do fragmento “o Pensar e o Ser, porém, são o mesmo” (HEIDEGGER, 1987, p. 161), o que Heidegger trata como uma relação entre *Lógos* e *Physis*, e o pensamento de Heráclito *com o Lógos*, palavra grega é presente em vários de seus fragmentos. Então, se Heidegger busca pensar a linguagem originariamente e essencialmente, a linguagem em sua vigência, porque buscaria compreendê-la como descendente da palavra *Lógos*? Para ele, “aos gregos se manifesta a essência da linguagem como *Lógos*” (HEIDEGGER, 1973a, p. 221 (grifos do autor)), então, pensar essencialmente a linguagem em seu acontecimento e originariamente, sem remetê-la a um ente e, conseqüentemente objetivá-la, consiste em pensá-la como *Lógos*, pois esta é a maneira com a qual a linguagem vem à fala. Isto localiza a investigação sobre a linguagem em um determinado período, pois, se com Platão temos o início da metafísica, esta, enquanto *Lógos*, só pode ser pensada a partir dos pensadores originários da filosofia. Por este motivo Heidegger retorna seu diálogo a Parmênides e Heráclito, pois a forma de pensar deles ainda não é metafísica, eles ainda não são filósofos. E por que não?

Porque eram os maiores pensadores. ‘Majores’ não designa aqui o cálculo de um rendimento, porém aponta para uma outra dimensão do pensamento. Heráclito e Parmênides eram ‘majores’ no sentido de que ainda se situavam no acordo com o *lógos*, quer dizer, com o *hèn pantá*. O passo para a ‘filosofia’, preparado pela sofística, só foi realizado por Sócrates e Platão (HEIDEGGER, 1973a, p. 215 (grifos do autor)).

Então, Parmênides e Heráclito eram pensadores originários e pensavam, de acordo com Heidegger, essencialmente (enquanto o vigor do vigente) pelo fato de se “situarem”, se colocarem, disporem-se no acordo com o *Lógos*. “Acordo é *harmonia*. [...] é a *harmonia* que se revela na recíproca integração de dois seres, nos laços que os unem originariamente numa disponibilidade de um para com o outro” (HEIDEGGER, 1973a, p. 215 (grifos do autor)). Parmênides e Heráclito mantêm com o *lógos* uma “disposição recíproca”, e

disposição (*Stimmung*) é um originário modo de ser do ser-aí, vinculado ao sentimento de situação (*Befindlichkeit*) que acompanha a derelicção (*Geworfenheit*). Pela disposição (que nada tem a ver com tonalidade psicológica) o ser-no-mundo é radicalmente aberto. [...] Heidegger procura tornar claro como esta disposição é uma abertura que determina a correspondência ao ser, na medida em que é instaurada pela voz (*Stimme*) do ser (STEIN, 1973, p. 218-219) <sup>5</sup>.

Portanto, eles eram “radicalmente abertos” ao *Lógos* e seus pensamentos repousavam no acordo (*Homologein*) com este por meio de uma “experiência originária” e, como já dissemos, para compreendermos a linguagem despindo-a de todo o entulho metafísico, é necessário e somente por meio de uma “experiência”. Uma vez que tais pensadores, ao estarem “radicalmente abertos” ao *Lógos* o experienciam, é necessário dialogarmos com eles por meio de Heidegger que retoma esse pensamento originário.

## 2. O porquê da escolha do fragmento 50 de Heráclito

Uma vez que estabelecer tal diálogo abordando todos os aspectos consiste em uma tarefa difícil de ser concluída em um artigo, nos dedicaremos a dialogar com Heráclito, mediado por Heidegger, analisando o fragmento 50: “Auscultando

---

<sup>5</sup> STEIN, Ernildo. Nota do tradutor. In: HEIDEGGER, 1973a.



não a mim mas o logos, é sábio concordar que tudo é um” (HERÁCLITO apud PESSOA, 2003, p. 61) <sup>6</sup>. Mas, por que o fragmento 50 de Heráclito?

Escolhemos o fragmento 50 de Heráclito, pois

esse fragmento ocupa um lugar central no pensamento heideggeriano porque ao tempo que parece confirmar o significado tradicional, consolidando o *Lógos* como o discurso, abre uma nova perspectiva justamente com a advertência com tal aprendizado (FEITOSA, 2004, p. 56-57 (grifos do autor)).

Ou seja, a importância desse fragmento está no fato de que a compreensão desta palavra enquanto fenômeno originário da linguagem nos abre uma perspectiva diferenciada do meramente discursivo, “a interpretação de Heidegger do fragmento constitui um diagnóstico de como ele [o *Lógos*] se manifesta” (FEITOSA, 2004, p. 57). Portanto, dialogar com Heráclito a partir do fragmento 50 nos proporciona, ao entrarmos em sua “experiência” com a linguagem pensada em sua essência como *Lógos*, compreendermos seu acontecimento que não se limita apenas na fala ou discurso, mas em uma ontologia.

Heráclito inicia sua sentença advertindo a respeito de “dizeres” e “escutas” que nos encaminham a certo conhecimento. Segundo Negrís e Santos (2013) não se trata de uma simples advertência ou conselho, mas sim de um mandamento, uma ordenação e, por ordem, nesse contexto, podemos entender como o apontamento de um único caminho para o saber (um é tudo) decorrente da escuta ao *Lógos*. Esta advertência com valor de mandamento com a qual Heráclito inicia sua sentença indica uma negação, em uma tradução mais estendida por Heidegger temos: “não escutai a mim, o mortal, que vos fala [...]” (HERÁCLITO apud HEIDEGGER, 2008, p. 199). Esse “não” “recusa, rejeita e repele secamente” (HEIDEGGER, 2008, p. 191) tanto a fala quanto a escuta dos mortais. Quando Heráclito diz: “não escutai a mim”, está se referindo não somente a ele, um ente falante, mas a todos os homens, assim, “a negação tira do falante a autoridade que o discurso lhe concedia” (SCHULER, 2001, p. 27). O saber não se aprende escutando aos diversos tipos de discursos pronunciados, uma vez que “Heráclito vive numa época em que discursos persuasivos ascendem” (SCHULER, 2001, p. 27). Época esta do surgimento da sofística, em que o que importa não é o discurso ou a fala concordante (*Homologeín*)

---

<sup>6</sup> A tradução utilizada por Pessoa é de Emmanuel Carneiro Leão. Embora utilizemos esta tradução neste momento, posteriormente utilizaremos outras traduções de acordo com as necessidades do texto.

com a verdade, mas a retórica direcionada a conduzir bem a argumentação, e “a persuasão não é conduzida pela verdade” (SCHULER, 2001, p. 27). Dessa forma, “há o falar do que profere discursos [o dizer dos mortais] e há o dizer do Discurso [*Logos*]” (SCHULER, 2001, p. 27)<sup>7</sup>.

Portanto, devemos nos afastar desta avalanche discursiva e excesso de acúmulo de conhecimento, pois “o polissaber [*polymathie*] não ensina inteligência, pois, do contrário, ele teria instruído Hesíodo e Pitágoras, Xenófanes e Hecateu (b40)” (HERÁCLITO apud SCHULER, 2001, p.162). Heráclito então repudia o “dizer” e o “escutar” comum dos mortais em detrimento de uma escuta ao “*Lógos*” que nos direciona a proferir um saber em concordância com este. Pois, se os homens “não sabem falar” em concordância com o *Lógos* é “por que não sabem escutar” o mesmo<sup>8</sup>, logo, há uma primazia no acontecimento da linguagem em sua essência do “escutar” em relação ao “falar”. Então, para saber “falar” é necessário antes saber escutar. O que Heráclito quer dizer com escutar?

Há nesse fragmento a possibilidade de escutarmos duas coisas: primeiro a fala dos mortais que se articula sonoramente e, segundo, o dizer do *Lógos*. O dizer do *Lógos* é λέγειν (*Légein*) e este é um dizer que “não se determina pelo som que se expressa com sentido” (HEIDEGGER, 2008, p. 188). Da mesma forma o “ouvir correspondente também não poderá consistir, primordialmente, em se apreender o som, que entra pelos ouvidos, nem em transmitir os tons, que estimulam a audição” (HEIDEGGER, 2008, p. 188-189). Ora, se ouvir consistisse somente em processos fisiológicos, não haveria escuta alguma e sim um mero estímulo de nosso aparelho auditivo por ondas mecânicas que passariam por nosso corpo, o que de fato acontece. Às vezes estamos “presentes ausentes” (HEIDEGGER, 1987, p. 154), ou seja, os sons que circulam meramente entram e saem de nossos ouvidos, porém, não apreendemos nada, não compreendemos nada. E então, quando compreendemos? “Não é por acaso que dizemos que não ‘compreendemos’ quando não escutamos ‘bem’” (HEIDEGGER, 2005, p. 222). Compreender algo está necessariamente ligado a escutar bem algo, mas o que seria então uma “boa escuta”

---

<sup>7</sup>O autor traduz a palavra *Lógos* por “Discurso” diferenciando de “discurso” referente ao que é enunciativo: “Não ouvindo a mim mas o Discurso, sábio é o concurso: todas as coisas são um só. (B50)” (SCHULER, 2001, p. 26).

<sup>8</sup> “Por não saber escutar, não sabem falar (B49)” (HERÁCLITO apud SCHULER, 2001, p. 154).

que nos proporciona a compreensão de algo? Voltemos então ao fragmento 50 de Heráclito.

“Ouvindo não a mim mas escutando o *lógos* [...]” (HERÁCLITO apud PESSOA, 2003, p. 62 (grifos do autor)), esta parte, que diz respeito à escuta ao *Lógos* diferindo-a de um ouvir à fala dos mortais, nos diz que para haver compreensão do *Lógos* devemos, necessariamente, nos “concentrar na presença que funda e promove o que é dito plenamente” (PESSOA, 2003, p. 62). Portanto, escutar consiste numa escuta concentrada no sentido de pertencer a aquilo que nos dispomos a ouvir, no caso o *Lógos*, o dizer do *Lógos* que não é sonoro. Assim, compreendemos o *Lógos* quando nos dispomos, quando escutamos seu dizer atentamente, quando pertencemos à sua fala. Compreender a fala do *Lógos* é indicado por Heráclito como *Homologeîn*, dizer o mesmo, concordar, sendo uma das traduções mais aceitas segundo Heidegger: “É sábio *dizer no mesmo sentido: um é tudo*” (HERÁCLITO apud HEIDEGGER, 2008, p. 183 (grifo nosso)), ou seja, falar concordando com o que, diante de uma escuta concentrada, se compreendeu do *Lógos*, o seu dizer verbalizado pelo homem: “um é tudo”.

Porém, embora tenhamos esclarecido o “dizer” e o “escutar” autênticos do homem, ainda nos são obscuras muitas questões referentes a esse fragmento para que assim possamos compreender o *lógos* como a essência da linguagem. Tomemos então como tarefa seguinte a tentativa de interpretar o que é o *Lógos* e a sua fala à qual devemos escutar para assim entendermos o que Heráclito traduz, após uma experiência com a linguagem, por “um é tudo”.

### **3. A palavra *Lógos* e seu sentido originário no pensamento de Heráclito**

Segundo Heidegger, desde a antiguidade se interpretou o *Lógos* de Heráclito de diversas maneiras: “ora como *Ratio*, ora como *Verbum*, ora como lei do mundo, ora como o que é lógico e a necessidade de pensamento, ora como sentido, ora como razão” (HEIDEGGER, 2008, p. 184 (grifos do autor)). Assim, “a tradição filosófica, apesar de muitos esforços, não logrou êxito ao alçar o *Lógos* à sua

verdadeira essência, mas, ao revés, incessantemente obscureceu seu sentido originário” (NEGRIS e SANTOS, 2013, p. 73 (grifos do autor)). Herdamos, dessa forma, a palavra *Lógos* com o seu sentido originário encoberto, assimilando este enquanto “linguagem” em sua compreensão metafísica como já abordamos, portanto, “o sentido de *lógos* deve ser descortinado das malhas interpretativas da tradição metafísica” (CAMPOS, 2007, p. 4 (grifos do autor)). Então, com o objetivo de compreendermos o *Lógos* originariamente, vejamos o que essa palavra nos diz. A palavra *Lógos* e seu verbo correspondente, *Légein*, desde a Grécia antiga, significam o mesmo que “discurso” e “dizer” (PESSOA, 2003), mas, de acordo com Heidegger (1998, p. 252), “devemos aprender que *λόγος* não significa ‘palavra’, ‘discurso’, ‘linguagem’, porque o significado fundamental da palavra grega *λόγος* não pode absolutamente referir-se a ‘discurso’, ‘linguagem’”. O que nos levanta a seguinte questão: “Pois como devemos aprender que *lógos* não significa linguagem se os gregos, desde os primórdios, compreendem a palavra *lógos*, e o verbo correspondente *légein*, como discurso e dizer?” (PESSOA, 2003, p. 55 (grifos do autor)).

*Lógos* e *Légein* pensados no fragmento 50 de Heráclito possuem, além do significado de discurso e dizer, um sentido mais originário, o de “estender e de colher” (PESSOA, 2003, p. 56). “Todavia, igualmente cedo e de modo ainda mais originário e por isso mesmo sempre, portanto, no significado de dizer e falar já mencionado, *λέγειν* diz o mesmo que a palavra alemã *legen*” (HEIDEGGER, 2008, p. 184 (grifos do autor)). *Legen*, o estender, “é a ação de deitar uma coisa na outra em uma unidade conjunta” (PESSOA, 2003, p. 55), trata-se de dispor uma coisa com a outra, de reunir em uma unidade, porém, para reunir e dispor uma coisa junto à outra é necessário uma “colheita”. Portanto, no estender que dispõe mora o “colher, recolher, escolher, o latim *legere*, no sentido de apanhar e juntar” (HEIDEGGER, 2008, p. 184 (grifos do autor)). Então, para “deitar uma coisa na outra em uma unidade conjunta” é necessário antes apanhar tais coisas. A palavra alemã *Lesen*, sinônimo de *Legen*, traz o sentido de “colher” e “escolher”, o que indica uma seleção das coisas que serão reunidas e dispostas, diferenciando-se de uma reunião aleatória e indiferente, “o ajuntar da colheita não é nunca um simples amontoado, mas uma reunião do que foi selecionado para ser guardado e consumado” (PESSOA, 2003, p. 56). Assim *Lógos* se diferencia de *Sarma*, “o simples amontoado frente ao

que se sustêm em consistência; o entulho frente à unidade de reunião” (PESSOA, 2003, p. 56). Ao eleger, estender selecionando, “o homem escolhe o que deve ser recolhido, abrigado e conservado” (PESSOA, 2003, p. 57). Dessa forma, a essência do *Lógos* é demonstrada segundo o sentido do seu verbo, “estender acolhedor”, que é copertinente ao homem, pois é este que “colhe” e decide o que, daquilo que foi colhido, deve ser conservado ou descartado. Ora, se *Légein*, o verbo do *Lógos*, ou seja, este posto em ação, acontecendo, é “estender e colher” e o homem é o encarregado da seleção, é quem escolhe, é o “filtro decisivo” daquilo que o *Lógos* recolhe, isto nos abre outro caminho para trilharmos em busca de compreendermos o *Lógos* como essência da linguagem. O que há, então, a ver, o homem com o *Lógos*? Pois, além da experiência de escutar o *Lógos*, nos tornou evidente também a experiência a qual o homem deve selecionar, para o *Lógos*, aquilo que ele colhe.

Em uma tradução de Heidegger do fragmento 2 de Heráclito, temos:

Fragmento 2: Por isso se faz mister seguir, i. é ater-se, ao que, no ente, está junto (*zusammen*); enquanto, porém, o *lógos* se essencializa como o que, no ente, está junto (*als dieses Zusammen*), a multidão vive, como se cada qual tivesse seu próprio entendimento (sentido) (HEIDEGGER, 1987, p. 152 (grifos do autor)).

A tradução de Heidegger diz que “se faz mister”, ou seja, é primordialmente importante, “ater-se”, “ao que , no ente, está junto”, ou seja, ao *Lógos* se essencializando. Assim, homem e *Lógos* mantêm-se em uma relação de “unidade”, uma unidade que “recolhe” e “guarda selecionando”. *Lógos* e homem, estando reunidos enquanto unidade de reunião, reúnem e colhem aquilo que se desvela diante de si e também a si mesmos.

Em *Introdução à Metafísica*, Heidegger diz que “*Lógos* é a reunião (*Sammlung*) constante, a unidade de reunião consistente em si mesma, do ente (*die in sich stehende Gesammeltheit des Seienden*), i. é o Ser” (HEIDEGGER, 1987, p. 155 (grifos do autor)). Assim, *Lógos* caracteriza o “ser” de um ponto de vista ao mesmo tempo novo e antigo, e como “ser” é sempre ser de um ente, o *Lógos* assim é o modo como o homem se desvela na *Physis*. “O que é ente, o que é consistente e estável, acha-se reunido em si mesmo por si mesmo e se mantém nessa reunião. O *eon*, o ente, é, em sua essencialização, *xynon*, presença reunida” (HEIDEGGER, 1987, p. 155 (grifos do autor)). *Xynon* significa, assim, “o que reúne tudo em si e o mantém junto” (HEIDEGGER, 1987, p. 156), a “unidade originariamente

unificante” (HEIDEGGER, 1987, p. 156). Doravante, o *Lógos* enquanto “ser”, corresponde à essencialização do homem, o modo como esse se desvela como ente na *Physis*, como *Xynon*, a unidade unificante, que “ajunta o que colhe. *Xynon*, o modo de ser dos entes, opõe-se a *axynetoí*, os que não ajuntam, não compreendem” (HEIDEGGER, 1987, p. 154 (grifos do autor)). Vejamos como isso aparece na tradução heideggeriana de Heráclito:

Fragmento 1: ‘Enquanto, porém, o *Lógos* permanece constante, os homens gesticulam e se agitam, como quem não compreendeu (*axynetoí*), tanto antes, como depois de haverem ouvido. Com efeito, tudo chega a ser ente, conforme e em virtude desse *Lógos*; entretanto, eles (os homens) se assemelham àqueles, que, sem saber, nunca ousaram alguma coisa, embora tentem fazê-lo, tanto em palavras, como em obras iguais às que levo a cabo, discernindo (explicando) qualquer coisa *kata physis*, segundo o Ser, e esclarecendo o modo, em que se conduzem as coisas. Aos outros homens, porém, (os outros homens, como eles todos são, *oi polloi*) lhes permanece oculto o que fazem propriamente, quando estão acordados, assim como se lhes volta a esconder depois também aquilo que fizeram durante o sono’ (HEIDEGGER, 1987, p. 152 (grifos do autor)).

A partir da tradução de Heidegger, depreende-se que, embora o *Lógos*, o modo de ser dos entes, permaneça constante e vigore no ser, os homens, os que não compreendem, *Axynetoí*, vivem suas vidas e executam suas ações sem escutar, sem compreender aquilo que lhes é mais próprio ou aquilo que fazem mais “propriamente”, isto lhes permanece oculto. Portanto, o *Lógos* vigora em todo homem, porém, nem todo homem é em sua compreensão de ser, nem todo homem é em seu modo mais propriamente e essencial, nem todo homem é *Xynon*.

Então, voltemos agora à questão do “dizer” do *Lógos* e do “auscultar” ao *Lógos*. Se o *Lógos* é o modo de ser dos entes, o homem não deveria escutar a si mesmo e assim, não estaria Heráclito se contradizendo ao alertar para não escutar a ele?

O que Heráclito quer dizer é que não se deve ater-se ao que dizem os *Axynetoí*, pois, por não compreenderem aquilo que lhe é mais próprio, balbuciam sentenças sem saber, sem homologação com a *Physis*, pois, para saber falar, ou seja, para proferir uma sentença homologada com o “ser”, é necessário antes auscultar aquilo que lhe é mais próprio, pois esta nos remete a um saber concordante, que diz o mesmo do que se desvela, que, ao nomear, profere ser as coisas. Portanto, o dizer do *Lógos* consiste na colheita daquilo que se desvela e se

dispõe, da *Physis*, e o auscultar, por sua vez, consiste em deixar que isso que se desvela, que é colhido selecionadamente pela unidade, homem e *Lógos*, assim se disponha. “O escutar propriamente dito mora no *homologeïn* do *légeïn*” (HEIDEGGER, 2008, p. 190 (grifos do autor)), escutar é concordar com o *légeïn*, dizer o mesmo, deixar que o disposto se disponha. Assim,

escutar é um *légeïn*, um *légeïn* que deixa disponível o que já está disposto num conjunto e já está assim, a partir de um *legen*, de um de-por e pro-por que, em sua disposição, concerne a tudo que, por si mesmo, já se acha disponível num conjunto. Neste *legen*, neste de-por e pro-por extraordinário, é que vige e mora em sua propriedade o *lógos* (HEIDEGGER, 2008, p. 190 (grifos do autor)).

O *Lógos* “é o puro deixar dispor-se em conjunto o que, por si mesmo, assim se prostra. O *lógos* vige, pois, no e com o puro *legen*” (HEIDEGGER, 2008, p. 190 (grifos do autor)). O *Lógos*, como o “puro deixar dispor-se em conjunto” aquilo que já está posto por si mesmo, refere-se ao auscultar, que, ao prestar ouvidos, ao “compreender”, homologar com o *Lógos*, traz a essência da linguagem à fala. Mas, chegamos a um ponto em que várias coisas se cruzam a respeito do *Lógos*: primeiro, *Lógos* é a essência da linguagem; segundo, *Lógos* é a essência do homem e; terceiro, *Lógos* refere-se a uma escuta concentrada à qual se “colhe, escolhe e recolhe no recolhimento de uma concentração” (HEIDEGGER, 2008, p. 190), que permite dizer ou falar sabiamente uma fala que concorda porque compreende o que colheu da *Physis*, do ser.

Dados os apontamentos, podemos dizer que homem e linguagem vigoram no *Lógos* e que o homem, ao auscultar, traz a linguagem à fala. Porém, embora o *Lógos* em seu acontecimento abarque dois momentos, o auscultar e o falar, é necessário antes de falar corretamente, de trazer a linguagem à fala, um recolhimento desta por meio de uma disposição do homem no mundo. Heidegger compreende o *Lógos* da seguinte maneira: “O *Λόγος* é, assim, o recolhimento originário de uma colheita original a partir de uma postura inaugural. *δ Λόγος* é postura recolhedora e nada mais” (HEIDEGGER, 2008, p. 190). Portanto, segundo o fragmento 50 de Heráclito, a essência do homem e a essência da linguagem são uma “postura recolhedora”. “*δ Λόγος* determina o modo de ser de uma escuta em sentido próprio [...]. para uma escuta em sentido próprio, os mortais já devem ter

escutado o Λόγος e tê-lo escutado numa pertinência, que diz e significa pertencer ao Λόγος” (HEIDEGGER, 2008, p. 191).

Então, agora que concluímos o que é o *Lógos*, uma postura que recolhe o ser (*Physis*), resta-nos entendermos o que o “ser” recolhido diz nas palavras de Heráclito, ao homologar, após uma experiência com o fenômeno do *Lógos*, que “é sábio concordar que tudo é um” (HERÁCLITO apud PESSOA, 2003, p. 61). Antes de, por meio de Heidegger, interpretarmos “tudo é um”, é importante termos esclarecido que essa afirmação de Heráclito consiste num acontecimento em que a própria linguagem vem à fala. Ora, se a sentença nos fala que escutando a “postura recolhedora” e que esta “determinada o modo de ser de uma escuta em sentido próprio” (HEIDEGGER, 2008, p. 191), ao escutarmos, prestarmos ouvidos ao *Lógos*, nos é possível dizer o mesmo que a escuta originária nos diz: um é tudo.

“Um é tudo”, o saber concordado (*Homologeín*), é o mesmo ou a repetição do que diz o *Lógos*, todavia o dizer do *Lógos* consiste na colheita da *Physis*, o *Lógos* diz o que a *Physis* é, mas o *Lógos* é o modo de ser do homem e da linguagem, logo o homem vigora na *physis* como “postura recolhedora” e ao dizer, diz o que o ser é: “um é tudo”. Há uma permanência inalterada no processo da linguagem, a *Physis*, o que vigora, é colhida pelo homem, que também vigora como integrante da *Physis*, nessa colheita por meio da ausculta, o vigente é disposto em seu vigor no modo como vigora e ao falar, homologar, o homem desvela o ser da mesma forma que o colheu.

“Ἐν Πάντα não é o que o *lógos* enuncia, mas Ἐν Πάντα fala do vigor em que *lógos* vige e se dá” (HEIDEGGER, 2008, p. 194 (grifos do autor)). Então, de acordo com Heidegger e com o que pensamos até agora, o que se escuta do *Lógos* e homologa ao dizer “um é tudo” corresponde ao próprio vigor do *Lógos*. Portanto, o sentido de *Lógos* compreendido até agora como “postura recolhedora” nos remete à tarefa de esclarecermos o significado de “um é tudo” de forma a aprofundar o entendimento sobre o *Lógos*, pois, uma vez que este é o ser do homem e o homem colhe o ser, “um é tudo” corresponde à *Physis* e também ao *Lógos*, portanto, “*physis* e *lógos* são a mesma coisa” (HEIDEGGER, 1987, p. 155 (grifos do autor)).

Em grego ἐπ' αὐτὰ εἶναι, de um modo geral é traduzido por “tudo é um, podendo também aparecer em sua forma invertida: um é tudo” (PESSOA, 2003, p.



68). Essa relação é compreendida como uma justaposição de dois compartimentos, “um” e “tudo”, em que estes aparecem unidos pelo verbo ser. Porém, uma vez que o sujeito e o predicado se equivalem como o mesmo, não se trata da união de partes distintas e separadas, mas de “diferenciações do mesmo”, assim “o um e o todo se constituem reciprocamente no favor originário desta relação” (PESSOA, 2003, p. 69).

Ao escutar o *Lógos* e afirmar concordando com este, “tudo é um”, “o Έν Πάντα diz o que o Λόγος é. O Λόγος diz como o Έν Πάντα vigora.” (HEIDEGGER, 2008, p. 195), ou seja, o *Lógos* fala do seu próprio vigor. “Ev [um] é unicamente uno, por unificar” (HEIDEGGER, 2008, p. 194), assim “um”, o unificador, aquele que recolhe, designa o ente, que “unifica, reunindo. Reúne, deixando o disponível dispor-se como tal em seu todo, no recolhimento” (HEIDEGGER, 2008, p. 194); “tudo” (Πάντα) quer dizer a totalidade, tudo o que vigora, a *Physis*, ou seja, a totalidade dos entes, o ser. Assim, podemos dizer que “o ente é ser” e “se constituem reciprocamente no favor originário desta relação” (PESSOA, 2003, p. 69). O “um”, que é “tudo”, refere-se a uma diferenciação do ser, “unido é, entretanto, todo o ente no ser. [...] Dito mais precisamente: o ser é o ente” (HEIDEGGER, 1973a, p. 215). Portanto, unidade recolhedora e totalidade são o mesmo mediado pelo verbo de ligação “é” e esse verbo “traz uma carga transitiva e designa algo assim como ‘recolhe’” (HEIDEGGER, 1973a, p. 215). A unidade recolhedora, o uno, é a totalidade, a *Physis*, à medida que a recolhe e a guarda e, reciprocamente, o ser, a totalidade, *Physis*, é o ente à medida que ele guarda a totalidade e se dispõe como diferenciação desta na totalidade para ser recolhido pela mesma em cada uma de suas diferenciações.

Então, se o ente guarda o “ser” por meio de uma postura vinculada à escuta concentrada e, ao “saber escutar”, factualmente “sabe falar”, pois, ao compreender o que escutou dá-se uma concordância, um homologar, dizer o mesmo do “ser” recolhido e guardado, o dizer da linguagem, diferente do que diz a metafísica - que confere significados as coisas por meio de símbolos e representações -, nomeia, diz o que as coisas são, evoca o ser das coisas. Podemos dizer então que “a linguagem é a casa do ser”, pois a linguagem, cuja essência é o *Lógos*, recolhe e abriga o ser e, conseqüentemente, o ser mora no *lógos*, pois nele está abrigado e o *Lógos* desvela, ao manifestar-se enquanto linguagem por meio da fala, o ser ao nomear.

## Considerações finais

Após o que expomos foi possível compreender que a linguagem, durante um longo tempo da história da filosofia, havia sido pensada enquanto um ente intramundano passível de análises racionalistas, cujo objetivo sempre foi apanhá-la e enquadrá-la em conceitos como um objeto de estudo do qual o homem poderia se valer como instrumento. Compreendemos também que Heidegger, ao perceber esse obscurecimento do sentido originário da linguagem, se dispõe à tarefa de recolocar a linguagem em seu horizonte originário. Para isso ele recorre a pensadores anteriores à metafísica iniciada por Platão e nos mostra, como vimos ao analisar o fragmento 50 de Heráclito, que pensar a linguagem originariamente consiste em pensá-la em sua essência, ou seja, pensá-la como *Lógos*.

Após esse diagnóstico heideggeriano, evidenciou-se que, para continuarmos a busca pela compreensão da linguagem em seu sentido originário, seria necessário compreender o que, originária e essencialmente, nos diz a palavra *Lógos*. Percorrendo essa trilha, esse “caminho”, chegamos a uma “encruzilhada”, *Lógos*, a essência da linguagem, também é a essência do homem. Então, o saber expresso no fragmento 50 de Heráclito, ao mesmo tempo em que corresponde à linguagem, corresponde também ao ente que é o homem. Portanto, prosseguimos o percurso nos perguntando: o que “homem” e “linguagem” têm de tão íntimo que faz com que sua essência seja a mesma, o *lógos*? E concluímos que tal relação se dá no próprio acontecimento do *Lógos*, que se essencializa por um recolhimento originário por meio de uma escuta originária que “colhe” a *Physis* deixando-a vigorar assim como vigora em sua vigência. Porém, sendo o homem unido ao *Lógos* e o *Lógos* aquilo que lhe é mais próprio, a colheita do “ser” compreendido pelos gregos como *Physis* ocorre no homem cuja essência é o *Lógos*. E, ao proferir o saber homologado com o que escutou do *Lógos*, de seu modo de ser, o homem diz o que é o “ser” e o *Lógos* e conseqüentemente, confere ser aos entes ao nomeá-los.

Dessa forma a linguagem, que confere ser aos entes ao nomeá-los, possui sua essência também no *Lógos*. No acontecer do *Lógos* homem e linguagem se fazem e se pertencem simultânea e originariamente. Concluímos então, de forma geral, que a linguagem pensada originariamente, como pretendeu Heidegger, consiste em colocá-la no horizonte de seu acontecimento que ocorre simultaneamente ao homem. Dessa forma a linguagem se configura como, segundo Heidegger, “a casa do ser”, ou seja, ela colhe, guarda e desvela o ser na *Physis* por meio da essencialização do *Lógos* que é o modo de ser do homem.

## Referências

CAMPOS, Paula. *Phainomenos e Lógos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura do § 7 de Ser e Tempo*. *Revista Ética e Filosofia política*, v.10, n. 2, p. 1-11, dez. 2007.

CHAUI, Marilena. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2004.

FEITOSA, Augusto César. *Physis – Lógos – Alétheia: a problemática da verdade em Heidegger*. 2004. Dissertação de Mestrado em Filosofia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

\_\_\_\_\_. *Que é isto – A Filosofia?*. Coleção Os Pensadores, vol. XLV. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973a, p. 205-222.

\_\_\_\_\_. *Sobre o “Humanismo”*. Coleção Os Pensadores, vol. XLV. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973b, p. 345-374.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental. Lógica, a doutrina heraclítica do lógos*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Caminho da Linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo – parte 1*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Nota. In: *Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

NEGRIS, Adriano; SANTOS, Leandro Assis. A memória e a escuta do logos de Heráclito a partir da leitura de Heidegger. *Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica*, v. 2, n. 2, p. 67-82, 2013.

PESSOA, Fernando Mendes. *O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger*. Espírito Santo: Edufes, 2003.

\_\_\_\_\_. Entre pensar e ser, Heidegger e Parmênides. *Anais de Filosofia Clássica*, ano 1, v.1, n. 1, 2007. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2007/pessoa.pdf>> Acesso em: 28 out. 2013.

SCHULER, Donald. *Heráclito e seu (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

STEIN, Ernildo. Nota do tradutor. In: HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – A Filosofia?*. Coleção Os Pensadores, vol. XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 218-219.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.